O conceito de civilização aplicado a estudos lingüísticos: uma proposta de análise de objetos e conceitos culturais.

ALMEIDA, Deise Alves.

deiseletras@bol.com.br

SANTOS, Rosiane Paulino dos.

rosiane_paulino@hotmail.com

TORRES, Maria Amélia.

Amélia.torres@ig.com.br

ABREU, RICARDO NASCIMENTO (orientador)

Licenciado em letras Português-Inglês pela UNIT, Especialista em Lingüística Textual– UFRJ, Mestre em Educação – UFS e Doutorando em Lingüística Histórica – UFBA. Profª do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes.

tennascimento@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como tema central uma análise dos costumes, concentrando-se nas mudanças das regras sociais e no modo como o indivíduo às percebiam, modificando comportamentos e sentimentos ligados ao âmbito cultural e buscando relacioná-las aos hábitos lingüísticos ocorridos por conta do processo civilizador.

Por conseguinte buscamos relacionar a constituição do Estado desde a Idade Média, através das disputas de poder entre as diferentes línguas, com os aspectos culturais e sociais presentes na formação do indivíduo, que buscava educar o homem para melhor adaptar-se a um novo estilo na sociedade, ou seja, a formação da sociedade teria acompanhado o desenvolvimento de regras internas presentes

na formação da subjetividade da linguagem como também na coordenação de atividades culturais na sociedade.

PALAVRAS – CHAVES: Processo Civilizador, Língua, Cultura, Sociedade, Tempo.

ABSTRACT

The present study is to examine a central theme of customs, focusing on the changes of social rules and how the individual to know, changing attitudes and feelings linked to the cultural sphere and looking relate them to linguistic habits occurred on account of the process civilizing.
Therefore we tried to relate the constitution of the state since the Middle Ages, through the power of disputes between the different languages, with cultural and social aspects in the training of the individual, which sought to educate the man best adapt to a new style in society, namely the formation of the company would have accompanied the development of internal rules in the formation of the subjectivity of language but also in the coordination of cultural activities in society.

WORDS – KEY : Case civilized, Language, Culture, Society, Time.

.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relacionar as mudanças lingüísticas relacionadas ao processo civilizador na sociedade, tanto no âmbito cultural, como também no campo lingüístico. Partindo do principio de que as variações e as mudanças são inerentes à língua e que, por isso, devem ser levados em conta na análise lingüística, uma vez que a língua é uma instituição social e que, portanto não pode ser estudada como uma estrutura

autônoma, ou seja, fora, ou independente do contexto situacional, tanto da cultura, quanto da história de um povo que a utiliza como meio de comunicação.

O termo Civilização usado como fonte de bons costumes possui conceitos muito próprios se forem analisados na visão de várias nações ocidentais, é o que se observa na grande diferença entre as formas como ingleses e franceses empregam a palavra, por um lado, e os alemães por outro.

O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais, se resumindo ao seu orgulho pela importância de seus valores para o progresso do Ocidente e da humanidade. Podendo também se referir a atitudes ou comportamentos de pessoas, descreve a qualidade social das pessoas, suas habitações, suas maneiras, sua fala, suas razões. Enfim descreve a qualidade social das pessoas; **Kultiviart** (cultivado).Outro ponto relevante é que na visão ocidental a palavra "Civilização" descreve um processo, ou seja, algo que esta em movimento constante, movendo-se sempre para frente.

> "Se examinarmos o que realmente constitui a função geral dp conceito de civilização, e que qualidade comum leva todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilização, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. A consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos ultimos dois ou três séculos se julga superior a sociedade mais antiga". (Elias, 1994, p. 23)

Para os alemães a palavra **Kultur** expressa melhor o orgulho de seu povo em suas próprias realizações e no próprio ser. O conceito de Kultur diferencia-se do conceito de civilização para os franceses e ingleses, uma vez que esse conceito dá uma impressão de movimento e Kultur reporta-se a produtos humanos, que são semelhantes a obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo.

“O sentido especificamente alemão do conceito de Kultur encontra sua expressão mais clara em seu derivado, o adjetivo *Kulturell*, que descreve o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa” (ELIAS, 1994, p.24)

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma serie de experiências e atividades. Daí resulta varias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. No processo civilizatório as comunidades organizam-se por grupos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo. Nesse processo dependendo do número de traços que as pessoas compartilham, e da intensidade da convivência, podem constituir-se subcomunidades lingüísticas, a exemplo dos jornalistas, professores, profissionais da informática, pregadores, estudantes e etc. Com isso, a formação de determinados comportamentos e maneiras de agir e falar em nossa sociedade estão ligados ao que entendemos por civilização.

O PROCESSO CIVILIZADOR: UMA ANÁLISE DOS COSTUMES

O processo civilizador e o desenvolvimento dos padrões cavalheirescos de conduta e sentimento nas cortes medievais ocorreram paralelamente ao surgimento da sociedade feudal. A luta entre a nobreza, a igreja e os príncipes por suas respectivas parcelas no controle e produções da terra prolongaram-se durante toda a idade média. Nos séculos XII e XIII, emerge mais um grupo como participante nesse entrechoque de forças: os privilegiados moradores das cidades, e a “burguesia”.

No século XVIII o aumento da riqueza faz progredir as classes médias, juntando ao lado dos elementos aristocráticos um número cada vez maior de burgueses. E os círculos clericais tornam-se divulgadores dos costumes, fazendo com que a civilidade ganhe novos alicerces religiosos e cristãos. E por este motivo, ele começa a passar por um processo

semelhante que atingiu antes o conceito de Cortesia, a perder valor para a elite social, no qual a cortesia que inicialmente pertencia às formas de comportamento que se desenvolveram nas Cortes dos grandes senhores feudais foi perdendo significado com a extinção da nobreza guerreira e a aristocracia de monarcas absolutos. Do mesmo modo o conceito de civilidade perdeu aos poucos a primazia da alta sociedade da Corte, aparecendo uma nova expressão, o conceito de civilização. Portanto, cortesia civilidade e civilização assinalam três estágios de desenvolvimento social. Conceito de civilização indica com clareza, em seu uso no século XIX que o processo de civilização fora completado e esquecido. Segundo Norbert Elias, as pessoas querem apenas que este processo se realiza em outras nações, e também nas classes mais baixas de sua própria sociedade, pois na alta e média classe já estava enraizada.

Todo esse processo civilizador foi moldado o homem, a sociedade, através de etiquetas de bom comportamento trabalhando principalmente o individual do ser, ou seja, o "sujeito" e o "objeto". Educando o homem para adaptar-se a um novo estilo na sociedade.

Alguns poemas literários repercutiram no processo civilizador, relativo a boas maneiras.

Vejamos um exemplo de poema de Tannhouser sobre as maneiras corteses durante o século XII.

> Considero homem bem educado aquele que sempre pratica boas maneiras e nunca se mostra grosseiro.
> Há muitas formas de boas maneiras e elas servem a muitos bons fins. O homem que as adota nunca erra.
> Quando comes, não esqueça os pobres. Deus te recompensará se os tratares bondosamente.
> Um homem refinado deve arrotar na colher quando acompanhado. É assim que se comportam pessoas na corte que praticam má conduta.
> Não é proibido beber no prato, embora alguns que aprovam esse grosseiro hábito insolentemente levantem o prato e o servem como se fossem loucos.
> Os que caem sobre os pratos como suínos quando comem, bufando repugnantemente e estufando os lábios... (ELIAS, 1994, p. 96)

Observa-se com grande clareza a disseminação dos costumes retratando ao leitor uma nova visão, e o porque da semelhança com grande número de costumes que foram adotados posteriormente pela "sociedade civilizadora". Embora tenhamos relatado nesse exemplo costumes específicos da classe alta da corte.

BOAS MANEIRAS À MESA

A língua tida como manifestação de caráter nacional, é percebida como um fator de estratificação social definida, delimitando o grupo, que em dado momento exerce controle social. Fazendo uma comparação com o modo como as pessoas argumentam que este ou aquele comportamento como, por exemplo: o costume à mesa é melhor do que outro, e que o mesmo só pode distinguir que uma expressão lingüística é preferível à outra.

Vejamos um exemplo do poema de S'ensuívent Les Conte-nanos de La Table:

> Aprende estas regras
> Toma o cuidado de limpar e cortar as unhas, sujeiras sob as unhas torna-se perigoso quando a pessoas coça.
> Lava as mãos quando te levantas e antes de todas as refeições.
> Não seja o primeiro a se servir de um prato.
> Não reponhas em seu prato o que esteve em tua boca. (ELIAS,1994, p. 99)

Dessa forma o ato de comer passara a ter um novo estilo quanto ao comportamento sendo moldado semelhante à cultura da França.

DO COSTUME DE COMER CARNE

> O fato de desaparecer gradualmente o costume de colocar na mesa grandes pedaços de animal para serem trinchados liga-se a muitos fatores. Um dos mais importantes talvez seja a redução gradual do tamanho da unidade familiar; como parte do movimento de famílias mais numerosas para famílias menores; em seguida ocorre a transferência de atividades de produção para especialistas, artesão, mercadores e fabricantes, que as desempenham profissionalmente enquanto a família torna-se basicamente uma unidade de consumo. (ELIAS, 1994, p. 127)

Ao analisarmos esse costume de comer carne, observa-se que o homem era um verdadeiro canibal com sua glutomania, especificamente os leigos de classe alta, uma vez que era visto como elegante naquela época o ato de servir a mesa um quarto de boi.

Na Inglaterra, por exemplo, o ato desse barbarismo sobrevive com uma pequena diferença, é servido o quarto com osso e tudo em maior extensão do que na sociedade urbana da Alemanha e França.

Assim o animal era trinchado à mesa sob os cuidados do trinchador. Entretanto com o processo civilizador essas cenas foram consideradas “anormais” tornando-se desagradável causando repugnância.O trincho hoje ainda é realizado na sociedade, porém não daquela forma selvagem sendo efetuado no açougue de uma forma profissional.

A SOCIEDADE CIVILIZADA

A mais influente das sociedades de corte desenvolve-se na França. A partir de Paris, os códigos de conduta, maneiras, gostos e linguagens difundiram-se em vários períodos por todas as cortes européias, uma vez que, a França era o pais mais poderoso da época, levando com isso a aristocracia absolutista de corte dos demais países a inspirar-se na nação mais rica, mais poderosa e mais centralizada. Com isso as nações passaram a adotar aquilo que se adequava as suas próprias necessidades sociais, tais como: maneiras e linguagens refinadas que a distinguiam das camadas inferiores da sociedade.

A classe alta francesa tornou-se precursora à “mudança” de um novo estilo de comportamento classificado civilizatório. Aderindo a técnica de comer, a maneira de usar faca, garfo, colher, prato, guardanapos e outros utensílios.

AS PRÁTICAS CIVILIZATÓRIAS MANIFESTADAS NOS CONTATOS LINGUISTICOS

No início da colonização do Brasil pôs em contato o português e europeu do século XVI com a língua falada pelos habitantes da terra recém-descoberta. Na altura, os índios eram em número muito superiores aos portugueses, que durante longos anos se viram obrigados a aprender a nova língua.

Com o passar dos anos a amplitude do uso das línguas indígenas e das línguas gerais na colônia, não impediram que a partir do século XVIII a balança começasse a pender para o lado da língua portuguesa.

> Por causa, precisamente, desta falta de prestígio é que a linguagem adulterada dos negros e índios não se impôs senão transitoriamente: todos os que puderam adquirir uma cultura escolar e que , por este motivo, possuíam o prestígio da literatura e da tradição, reagiam contra ela.(Silva,2001 p. 226)

Esse processo de superioridade entre línguas teve como método a política lingüística de Pombal que ao se defrontar com falantes de variadas línguas; porém, tendo como denominador comum á língua de base, a portuguesa, denominada a língua do poder e do prestígio: Sendo reconstruída através da imposição; tornando-se a língua oficial.

> Começo pelo português europeu por me parecer mais acessível aprendê-lo, por evidentes razões de caráter histórico. Língua documentada pela escrita, pelo menos desde os inícios do século XIII, aqui chega, datada, ao findar o século XV. Parece-me que a idéia expressa por Pero Vaz de Caminha na sua célebre carta – seria mais fácil nós (portugueses) aprendermos a língua deles (os indígenas) do que eles a nossa, fundamenta a primeira política implícita a ser implantada na colônia. (Silva. 2004 p. 237)

Os jesuítas começam o processo de reconstrução da Língua Portuguesa tendo como princípio de catequese usar as línguas da terra em que chegavam (tupi); e, por elas também aprenderam os índios de etnias diversas, aldeados pelas missões jesuíticas, e outras, aqueles que chegaram a ser alfabetizados. Essa língua dos colonizadores (europeus) teria sido imposta pelos jesuítas principalmente na oralidade. Contudo, levando a língua indígena (tupi) com menor uso, em contato relativo ao português e as línguas indígenas e também africanas que era visto como um português simplificado, "mal falado".

> A primeira tarefa cultural do negro brasileiro foi a de aprender a falar o português que ouvia aos berros do capataz. Teve de fazê-lo para comunicar-se com seus companheiros de desterro de diferentes povos. Fazendo-o rehumanizou [...] conseguindo dominar a nova língua, não só a refez, emprestando singularidade ao português do Brasil, mas também possibilitou a sua difusão por todo o Território Nacional. (Silva, 2004 p. 245)

Essa dominação pode ser fruto de uma alteração na maneira de sentir o mundo natural e valorizá-lo, fato que passou a ocorrer na segunda metade do século XVII. Essa revisão de valores não envolveu apenas privilegiados da sociedade mas serviu também como referência para as camadas populares.

> "Apontava para uma preocupação maior ante a presença do outro, estabelecendo vários padrões morais capazes de redefinir a convivência social em termos mais civilizados. Excessos de violência tanto com homens como com animais, abusos de licenciosidade sexual, postura muito familiares com o sagrado e uma gama de outros hábitos considerados inadequados passaram a ser desvalorizados e compreendidos com a parte do universo da barbárie" (SILVA, 2001, p. 303)

Desse modo surgem as práticas civilizatórias através da imposição da língua européia; levando o índio e o africano perder a suas identidade lingüística para aderir a língua da cultura superior, a "portuguesa" que define dentro do diassistema heterogêneo do português brasileiro, dois sistemas igualmente heterogêneos, daí a pluralidade e a polarização, que designará por Norma Culta e Norma Vernácula.

> "É preciso ter sempre em mente que os novos padrões civilizados devem ter funcionado como preceito de comportamento ideal, investidos de prestígio social" (SILVA, 2001, p. 311)

A Norma Culta seria os padrões de uso dos segmentos escolarizados, dos falantes das Classes Média e Alta. Tende a perder características que aproximam da Norma Culta, num processo de convergência, mas com nítidas diferenças quanto aos padrões de uso e dos sistemas de valores que subjazem a esses padrões.

Assim, o modelo de língua escrita que é assumido, em geral é aquele da modalidade expressiva das línguas européias, que, como já disse, fica mais longe das modalidades e gêneros expressivos próprios da oralidade. Desta forma realiza-se o tipo mais sutil de dominação: a de chegar a convencer os dominados de que sua língua pode (e deve) ser utilizada à imagem e semelhança dos dominadores.

Segundo Bourdieu – O papel mais determinante na desvalorização dos dialetos e na instauração da nova hierarquia dos usos lingüísticos é exercido pela relação dialética entre a escola e o mercado de trabalho, ou melhor, entre a unificação do mercado escolar (e lingüístico. Para fazer com que os detentores de competências lingüísticas dominadas colaborem com a destruição de seus instrumentos de expressão, esforçando-se, por exemplo, por falar "francês" diante dos filhos ou exigindo que eles falem "francês" em casa, no intuito mais ou menos explícito de ampliar seu valor no âmbito do mercado escolar.(Bourdieu; p. 36)

Assim, os efeitos de dominação do dialético no mercado simbólico é exercido através de todo um conjunto de instituições e de mecanismos específicos, cujo aspecto mais superficial se manifesta justamente por intermédio de uma política propriamente lingüística e mesmo da imposição expressa pela classe dominante.

> Tudo leva a crer que as instruções mais determinantes para a construção do hábitos se transmitem sem passar pela linguagem e pela consciência, através de sugestões inscritas nos aspectos aparentemente mais insignificantes das coisas, situações ou práticas da existência comum. Logo, a modalidade das práticas, as maneiras de olhar, de se aprumar, de ficar em silêncio, ou mesmo de falar ("olhares desapropriadores" "tons ou ares de censura" etc.) Bourdieu; p. 38.

O valor simbólico da língua leva as pessoas a se intimidarem quando de repente, em um determinado círculo de amizades se deparam com pessoas que usam uma linguagem culta; nesse momento observamos quanto o constrangimento daqueles que não tiveram acesso à educação. Diante dessa realidade social nos deparamos com o poder simbólico da língua de outorgar a indivíduos ou grupos, levando a uma auto-análise em busca de qualificações; para que ele possa se adequar à norma culta.

A competência dominante opera como um capital lingüístico capaz de assegurar um lucro de distinção em sua relação com as demais competências, contanto que sejam continuamente preenchidas as condições necessárias (entre as quais, a unificação do mercado e a distribuição desigual das oportunidades de acesso aos instrumentos de produção da competência legítima e aos lugares de expressão legítimos) para os grupos detentores dessa competência sejam capazes de impô-la como a única legítima nos mercados oficiais. (Bourdieu; p. 44).

Observa-se que a competência lingüística abre portas em mercados oficiais na sociedade: para aqueles que estão inseridos no processo de qualificação, adequando-se às normas exigidas adotando uma linguagem requintada que detém o domínio das regras eruditas.

A LÍNGUA COMO OBJETO CULTURAL

O Tratado de Erasmo assinala algumas observações e mudanças em geral em relação às injunções e proibições sociais na sociedade secular, tornando o comportamento na corte mais descontraído.

Na curva da civilização nota-se por um lado, uma elevação do patamar de vergonha em comparação com a época precedente, e por outro, se confrontado com tempos mais recentes,

uma liberdade na referência a funções naturais, uma “falta de vergonha”, que para a maioria das pessoas que adotam o padrão atual pode, a princípio, parecer incompreensível e não raro embaraçoso.

Mas, ao mesmo tempo, é muito claro que esse tratado tem precisamente a função de cultivar sentimentos de vergonha. A referência à onipresença de anjos, usada para justificar o controle de impulsos aos quais a criança está acostumada, é bem característica. A maneira como a ansiedade é despertada nos jovens, a fim de forçá-los a reprimir o prazer, de acordo com o padrão de conduta social, muda com a passagem dos séculos. Em círculos mais amplos, reconhecidamente, a referência a anjos da guarda é usada durante muito tempo como instrumento para condicionar crianças. Diminui um pouco quando “razões higiênicas” e de saúde recebem mais ênfase e se pretende obter certo grau de controle dos impulsos e das emoções. Essas razões higiênicas passam, então, a desempenhar um papel importante nas idéias dos adultos sobre o que é civilizador, em geral sem que se perceba que relação elas têm com o condicionamento das crianças que está sendo praticado. Apenas a partir dessa percepção, contudo, é que o que há nelas de racional, isto é, fundamentado principalmente na repugnância e nos sentimentos de vergonha dos adultos.

Era comum encontrar na sociedade daquela época alguém urinando ou defecando no muro de algum pátio. E a maior liberdade com que pessoas podiam nessa época satisfazer e falar de suas funções corporais diante de outras pessoas lembra o comportamento que ainda hoje pode ser encontrado em todo o oriente. Mas, a delicadeza impede que se cumprimente alguém encontrado nessa situação.

A conduta dos adultos corresponde a esses diferentes tipos de condicionamento. Durante muito tempo, a rua, e quase todos os locais onde a pessoa por acaso se encontrasse, serviam para a mesma finalidade que o muro do pátio citado acima. Não é nem mesmo raro recorrer à escada, aos cantos da sala, ou aos beirais das muralhas de um castelo, se a pessoa sente tais necessidades.

O controle mais rigoroso de impulsos e emoções é inicialmente imposto por elementos de alta categoria social aos seus inferiores ou, no máximo, aos seus socialmente iguais. Só relativamente mais tarde, quando a classe burguesa, compreendendo um maior número de pares sociais, torna-se a classe superior, governante, é que a família vem a ser a única, ou, para ser mais exata, a principal e dominante instituição com a função de instilar controlo de impulsos.

No estágio das cortes feudais, e ainda mais nas dos monarcas absolutos, elas próprias desempenhavam em grande parte essa função para a classe alta. No estágio posterior, boa parte do que se tornou "segunda natureza" para nós não havia sido ainda inculcado dessa forma, como um autocontrole automático um hábito que, dentro de certos limites, funciona também quando a pessoas esta sozinha. Ao contrário, o controle dos instintos era inicialmente imposto apenas quando na companhia de outras pessoas, isto é, mais conscientemente por razões sociais.

Este isolamento das funções naturais da vida pública, e a correspondente regulação ou moldagens das necessidades instintivas, porém, só se tornaram possíveis porque, juntamente com a sensibilidade crescente, surgiu um aparelhamento técnico que solucionou de maneira muito satisfatória o problema de eliminação dessas funções na vida social e seu deslocamento para locais mais discretos. A situação não foi diferente no tocante às maneiras à mesa. O processo de mudança social e o avanço das fronteiras da vergonha e do patamar de repugnância não podem ser explicados por qualquer condição isolada e, decerto, não pelo desenvolvimento da tecnologia ou pelas bases sócio-genéticas e psicogenéticas dessas invenções e descobertas.

O padrão que está emergindo em nossa fase de civilização caracteriza-se por uma profunda discrepância entre o comportamento dos chamados "adultos" e das crianças. Estas têm no espaço de alguns anos que atingir o nível avançado de vergonha e nojo que demorou séculos para se desenvolver. A vida instintiva delas tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão à sociedade seu caráter e que se formou na lentidão dos séculos. Nisto os pais são apenas os instrumentos, amiúde inadequados, os

agentes primários do condicionamento. Através deles e de outros milhares instrumentos, é sempre a sociedade como um todo, todo o conjunto de seres humanos, que exerce pressão sobre a nova geração, levando-a mais perfeitamente, ou menos, para seus fins.

Na Idade Média, também, era a sociedade como um todo que exercia essa pressão formativa. Mas, acima de tudo, o controle e o comedimento, aos quais a vida instintiva dos adultos estava sujeitam, foram muito menores do que na fase seguinte da civilização, como, em conseqüência, foi também menor a diferença em comportamento entre adultos e crianças.

As inclinações individuais que os escritos medievais sobre etiqueta buscavam controlar eram, com freqüência, as mesmas que podem ser hoje facilmente observadas nas crianças.

Não obstante, elas são tratadas hoje tão cedo que certos tipos de “mau procedimento” que eram muito comuns no mundo medieval raramente se manifestam na vida social de nossos dias.

As crianças são hoje advertidas a não pegar na mesa o que querem, a não se coçarem e não tocarem no nariz, orelhas, ouvidos ou outras partes do corpo quando se sentam para comer. São educadas para não falar ou beber com a boca cheia, derramar coisas na mesa, e assim por diante. Com grande freqüência, as necessidades eram satisfeitas onde e quando sentidas. O grau de comedimento e controle esperado pelos adultos entre si não era maior do que o imposto às crianças. Era pequena, medida pelos padrões de hoje, a distância que separava adultos de crianças.

Atualmente, o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos. Esse círculo é tão forte que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num “ambiente decente”. A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como “doente”,

“anormal”, “criminosa”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em conseqüência, excluída da vida da mesma. Na verdade, do ponto de vista psicológico, os termos “doente”, “anormal”, “criminoso” e “insuportável” não têm, dentro de certos limites, outro significado. O modo como são compreendidos varia de acordo com os modelos, historicamente mutáveis da formação de afetos.

A pressão para transformar essas inclinações, exercidas sobre o indivíduo pela sociedade, porém é mínima em comparação com a de hoje. Os sentimentos de repugnância, desagrado ou nojo despertados por tal comportamento são, nos termos do antigo padrão, incomparavelmente mais fracos que os nossos.

A sociedade está, aos poucos, começando a suprimir o componente de prazer positivo de certas funções mediante o engendramento da ansiedade ou, mais exatamente, está tornando esse prazer “privado” e “secreto” (isto é, reprimindo-o no indivíduo), enquanto fomenta emoções negativamente carregadas – desagrado, repugnância, nojo – como os únicos sentimentos aceitáveis em sociedade. Mas exatamente por causa desse aumento da proibição social de muitos impulsos, pela sua “repressão” na superfície da vida social e na consciência do indivíduo, necessariamente aumenta a distância entre a estrutura da personalidade e o comportamento de adultos e crianças.

AS DUAS FASES DA LÍNGUA: LÍNGUA PADRÃO E LÍNGUA CULTA

Segundo Bourdieu – O papel mais determinante na desvalorização dos dialetos e na instauração da nova hierarquia dos usos lingüísticos é exercido pela relação dialética entre a escola e o mercado de trabalho, ou melhor, entre a unificação do mercado escolar (e lingüístico. Para fazer com que os detentores de competências lingüísticas dominadas colaborem com a destruição de seus instrumentos de expressão, esforçando-se, por exemplo, por falar “francês” diante dos filhos ou exigindo que eles falem “francês” em casa, no intuito mais ou menos explícito de ampliar seu valor no âmbito do mercado escolar.(Bourdieu; p. 36)

Assim, os efeitos de dominação do dialético no mercado simbólico é exercido através de todo um conjunto de instituições e de mecanismos específicos, cujo aspecto mais superficial se manifesta justamente por intermédio de uma política propriamente lingüística e mesmo da imposição expressa pela classe dominante.

> Tudo leva a crer que as instruções mais determinantes para a construção do habitus se transmitem sem passar pela linguagem e pela consciência, através de sugestões inscritas nos aspectos aparentemente mais insignificantes das coisas, situações ou práticas da existência comum. Logo, a modalidade das práticas, as maneiras de olhar, de se aprumar, de ficar em silêncio, ou mesmo de falar ("olhares desapropriadores" "tons" ou "ares de censura" etc.) Bourdieu; p. 38.

O valor simbólico da língua leva as pessoas a se intimidarem quando de repente, em um determinado círculo de amizades se deparam com pessoas que usam uma linguagem culta; nesse momento observamos quanto o constrangimento daqueles que não tiveram acesso à educação. Diante dessa realidade social nos deparamos com o poder simbólico da língua de outorgar a indivíduos ou grupos, levando a uma auto-análise em busca de qualificações; para que ele possa se adequar à norma culta.

A competência dominante opera como um capital lingüístico capaz de assegurar um lucro de distinção em sua relação com as demais competências, contanto que sejam continuamente preenchidas as condições necessárias (entre as quais, a unificação do mercado e a distribuição desigual das oportunidades de acesso aos instrumentos de produção da competência legítima e aos lugares de expressão legítimos) para os grupos detentores dessa competência sejam capazes de impô-la como a única legítima nos mercados oficiais. (Bourdieu; p. 44).

Observa-se que a competência lingüística abre portas em mercados oficiais na sociedade: para aqueles que estão inseridos no processo de qualificação, adequando-se às normas exigidas adotando uma linguagem requintada que detém o domínio das regras eruditas.,

Como podemos observar todo esse processo de civilização trouxe para a sociedade formas pré- estabelecidas, tanto de comportamento quanto de fala, criando assim "normas"

que iriam desempenhar um papel importante no desenvolvimento da teoria lingüística voltada para os padrões habituais e coletivos de comportamentos lingüísticos, que definem tanto os grupos dentro da comunidade de fala, quanto à posição do individuo dentro dos diversos estratos sociais. Essa norma conseqüentemente sofre uma divisão dentro da língua, no qual encontraremos a norma culta, e a norma popular, objeto esse que irá influenciar as disputas entre as línguas, uma vez que, a norma popular irá obter um papel inferior à norma culta, entendida como a norma plenamente escolarizada, ou seja, a língua dos falantes com curso superior completo.

> Como se pode ver esse conjunto de valores subjetivos profundamente determinados por fatores sociais, culturais e ideológicos, que é a norma; esta intimamente relacionada às tendências e aos padrões de comportamento lingüístico que se observam numa comunidade, o que também é norma. E o estudo dessa intima relação é crucial para o entendimento da variação e das mudanças que caracterizam o sistema lingüístico de dada comunidade de fala. (Bagno, p.66)

Com isso percebe-se uma luta essencial para a manutenção ou transformação do mundo social. Indivíduos, grupos e classes se envolvem nessa luta de poderes para impor sua visão de mundo, ou seja, o conjunto de normas lingüísticas que prescreverão os agentes possíveis da vida em sociedade. Evidentemente, essa luta em torno da definição da língua se desenrola num espaço social complexo e hierarquizado, onde nem todos têm os mesmos recursos para impor sua visão específica de mundo.

CONCLUSÃO

Diante dos estudos e das pesquisas realizadas para este artigo cientifico, concluímos que, a língua não deve ser estudada como uma estrutura autônoma, ela precisa ser analisada dentro do seu contexto situacional, levando em consideração a cultura e a história do povo que a utiliza, para que com isso possamos entender suas variações, como também suas diferentes formas de se manifestar dentro de um espaço temporal.

No processo de civilização podemos observar como os costumes e os comportamentos de diferentes povos desde a Idade Média até os dias de hoje, influenciaram nas mudanças lingüísticas. Desse modo surgem as práticas civilizatórias através da imposição da língua européia; levando o índio e o africano a perderem as suas identidades lingüísticas para aderir à língua da cultura superior, “a portuguesa”, que define a forma de existir do português brasileiro.

Fica assim claro que, para uma compreensão efetiva que considere o todo do português brasileiro, ao longo desses séculos, muitas histórias de contatos lingüísticos deverão ser reconstruídas, levando em conta os falantes de variadas línguas tendo como denominador comum a língua do poder e do prestigio, a língua portuguesa que se torna hegemônica e oficial no Brasil, a partir da segunda metade do século XVIII.

Referências

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Pulccinelli. **Língua e cidadania:** o português no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1996. 162 p. ISBN 8571131092

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. v. 2 ISBN 8571102570

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Org.) **Para a história do português brasileiro:** primeiros estudos. São Paulo: Humanistas, 2001 v. 2 ; 2 t. ISBN 85-86087-87-4

CONVERSAS com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística. São Paulo: Parábola, 2003. 199 p. ISBN 8588456079

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) **Manual de lingüística.** São Paulo: Contexto, 2008. 254 p. ISBN 9788572443869

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2004. 175 p. ISBN 8588456249

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes.RIO de Janeiro: J. Zahar, (1994). V. 1

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1994.191p.(Coleção Grandes Cientistas Sociais : 39) ISBN 8508045972

BAGNO, Marcos (Org.) **Lingüística da norma.** 2. ed. São Paulo: Distriduidora Loyola de Livros, 2004. 356 p. (Humanística ;6) ISBN 8515025434

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Org.) **Quinhentos anos de história lingüítica do Brasil.** Salvador, Ba: Funcultura, 2006. 484 p. ISBN 8523202609

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que falar quer dizer**. 2 . ed. São Paulo: Ed USP, 1998.